

# Escolhas estratégicas para o agronegócio brasileiro

Maurício Antônio Lopes<sup>1</sup>

O Brasil é o único país no cinturão tropical do globo que foi capaz de conquistar a posição de potência agrícola. As tecnologias de manejo transformaram nossos solos pobres em terra fértil. A tropicalização dos cultivos, com ciclos diferenciados, nos permitiu aproveitar terras em todas as condições climáticas. Os manejos e as práticas sustentáveis que desenvolvemos constituem um arsenal de defesa ambiental. Com seu dinamismo empreendedor, os produtores souberam combinar esses conhecimentos e aproveitar as oportunidades de mercado. Eles conduziram a agricultura a patamares que tornaram as safras do Brasil essenciais para a segurança alimentar do País e do mundo.

O nosso modelo de agricultura, fortemente baseado em ciência e conhecimento, colocou o Brasil em destaque como protagonista de uma verdadeira revolução na produção de alimentos nos trópicos. Mas apesar dos avanços, a antecipação das demandas para alimentação e agricultura ao longo do século 21 indicam muitos desafios adicionais para o agronegócio brasileiro: a) o enfrentamento de novas pragas, patógenos e plantas invasoras; b) a busca do aumento da eficiência no uso do solo e da água; c) a necessidade de contínua redução de impactos negativos ao meio ambiente; d) a crescente demanda por alimentos seguros e nutritivos, com funcionalidades que promovam a saúde e o bem-estar; e) a expectativa de produção crescente e sustentável de excedentes para exportação, essenciais para a segurança alimentar e a paz no futuro.

É, portanto, certo que contextos mais desafiadores e dinâmicos exigirão respostas cada vez mais rápidas às demandas da sociedade e dos mercados. O grande risco é que questões conjunturais e preocupações do presente nos joguem na perplexidade, tolhendo a criatividade e a ousadia que precisaremos ter para a construção de uma trajetória de longo prazo para nossa agricultura, com mais foco na sustentabilidade e na integração de esforços. Infelizmente não é incomum, nas muitas discussões sobre a agricultura brasileira, predominar a atenção ao passado e ao presente, com pouca prioridade para discussão de trajetórias em direção ao futuro, que será certamente mais dinâmico e desafiador.

A conclusão é que o agronegócio brasileiro precisará responder aos anseios de uma sociedade cada vez mais exigente, a uma agenda de desenvolvimento fortemente centrada na sustentabilidade e a mercados cada vez mais dinâmicos e competitivos. Portanto, a construção de um futuro sustentável para nossa agricultura dependerá, necessariamente, da nossa capacidade de integrar e gerir sistemas cada vez mais dinâmicos, mutáveis e complexos. Para estimular a discussão sobre escolhas estratégicas que permitam ao agronegócio brasileiro se ajustar a essa realidade, são apresentadas a seguir dimensões e temas que precisarão receber grande atenção das lideranças e dos tomadores de decisão, responsáveis por nortear e modelar o futuro do nosso sistema agroalimentar e agroindustrial.

<sup>1</sup> Presidente da Embrapa.

## Agricultura sistêmica

A agricultura migra rapidamente para uma lógica sistêmica, capaz de abarcar as três dimensões da sustentabilidade. O Brasil precisará intensificar o esforço de geração e uso de tecnologias poupa-recursos, de baixa emissão de carbono, capazes de promover a expansão sustentável da sua produção agropecuária – expansão baseada mais em ganhos de produtividade da terra, em sintonia com o grande desafio de implantação do novo Código Florestal Brasileiro. O Plano ABC, Agricultura de Baixa Emissão de Carbono, é uma arrojada política pública, que já contribui para essa agenda, uma vez que estimula a incorporação de práticas sustentáveis, como a recuperação de pastagens degradadas, a integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), o sistema de plantio direto (SPD) e a fixação biológica de nitrogênio (FBN).

Os sistemas de ILPF se destacam no âmbito da agricultura de baixa emissão de carbono do Brasil e contribuem para disseminar a lógica sistêmica e a intensificação do uso da terra no País. A capacidade de as pastagens capturarem e armazenarem o carbono da atmosfera no solo, bem como as cadeias produtivas associadas – carne, leite, grãos e silvicultura –, permitirá ao Brasil neutralizar gases de efeito estufa na produção de alimentos, gerando serviços ambientais, créditos de carbono e bem-estar animal, o que projetará a agricultura brasileira como uma das mais sistêmicas e sustentáveis do planeta.

Grande extensão de nossas áreas agrícolas pode ser usada de maneira segura 365 dias por ano, produzindo, no mesmo espaço, grãos, proteína animal, fibras e bioenergia. E, diferentemente de qualquer grande produtor de alimentos do mundo, o Brasil mantém 62% do seu território com cobertura vegetal natural. Esse protagonismo e as oportunidades de geração e disseminação de tecnologias capazes de promover a expansão sustentável e sistêmica da produção agropecuária deverão dominar a agenda do agronegócio no futuro.

## Agregação de valor

Diversificar, especializar e agregar valor à produção agropecuária nacional é – mais que uma necessidade – um imperativo para o futuro. Essa agenda é muito importante para o Brasil, considerando as oportunidades para a expansão da participação no mercado mundial de produtos do agronegócio mais elaborados, diversificados e sofisticados (alimentares e não alimentares). Vários estudos apontam para a redução da demanda por produtos agropecuários pouco elaborados e de baixa elasticidade-renda, em particular a partir de 2030. Nesse horizonte, as previsões de expansão da classe média mundial, com maior renda per capita, sinalizam para a necessidade de novos produtos e novos processos, o que significará enorme pressão para grandes produtores agrícolas, como o Brasil, ainda muito centrados na produção primária ou em produtos pouco elaborados.

Infelizmente, o Brasil possui um modelo industrial que, em grande medida, ainda não descobriu o agronegócio, e que tem dificuldade de perceber a emergência da bioeconomia, a nova economia baseada na produção de base renovável, sofisticada e sustentável. Muito poucas empresas brasileiras exportam produtos mais elaborados e sofisticados. Além disso, o Brasil cultua os superávits de sua balança comercial do agronegócio, o que na verdade reflete uma lógica protecionista, de pouca abertura para a entrada de produtos mais elaborados e sofisticados em seu mercado, o que exerceria pressão saudável para que o modelo industrial brasileiro desse um salto de qualidade e ganhasse competitividade. O resultado é o pequeno número de exportadores brasileiros, consequência do fato de que nossas empresas estão muito mal integradas às cadeias de valor globais. Basta uma breve passagem pelos grandes supermercados de Dubai ou de Hong Kong para perceber a total ausência de produtos manufaturados originados no Brasil.

Nosso modelo industrial com alto nível de protecionismo, originado da lógica da substituição de importações, nos exclui dos mercados de produtos mais elaborados e especializados.

Nossa indústria passa ao largo dos processos de produção que evoluem ao longo de cadeias de valor transfronteiriças, parte muito importante da globalização que tem ignorado o Brasil. O País precisará fazer escolhas estratégicas que o afastem dessa lógica anacrônica, sustentada em decisões para favorecer unicamente o conteúdo local e em detrimento da integração internacional. Portanto, é premente que o agronegócio nacional incorpore inovações tecnológicas para agregação de valor, especialização e diversificação que permitam aos nossos produtos se integrarem às cadeias de valor globais. E precisaremos também de políticas e estímulos que levem à superação da logística precária e dos altos custos de transação para nossa inserção no comércio internacional.

## Inteligência territorial

O Brasil é um país continental, diverso e complexo. No mundo rural brasileiro, comunidades, fazendas, florestas, estradas, rios e muitos outros elementos mantêm um dinamismo permanente. São ambientes que interagem e se transformam, se complementam e se ajustam. Por isso, devem ser analisados e compreendidos em conjunto e geridos em sintonia. A gestão do mundo rural brasileiro não poder ser feita na lógica das fazendas ou das lavouras, vistas e compreendidas em isolamento. Essa gestão precisará ser feita, cada vez mais, na escala do território, levando em conta a diversidade, a dinâmica e a riqueza das relações e interações ali existentes. Os desafios do mundo rural brasileiro são muito complexos e vão muito além dos limites das fazendas, das lavouras e das criações individualizadas.

Para responder a tais desafios, é necessário ampliar a capacidade de olhar para além da unidade produtiva, em escala que permita monitorar a dinâmica da agricultura no espaço geográfico, simulando os cenários mais adequados e promissores para uso, ocupação e atribuição agrícola das terras, considerando seus contextos natural, agrário, agrícola, socioeconômico e de

infraestrutura. Monitorar, qualificar e quantificar a dinâmica de múltiplas atividades agropecuárias em bases territoriais, bem como as novas alternativas de uso das terras, exige a integração de grandes bancos de dados (*big data*), o emprego de imagens de satélites e o emprego de sistemas de informações geográficas, na lógica da gestão territorial estratégica, apoiada em recursos computacionais de alto desempenho.

Formuladores de políticas públicas demandarão tais informações para ampliar sua capacidade de desenhar políticas e propostas de expansão das atividades econômicas sobre nosso imenso e complexo espaço geográfico de forma mais eficiente e alinhada à agenda de desenvolvimento que a sociedade deseja.

## Gestão de riscos

Fenômenos climáticos adversos, mercados complexos e mutáveis, riscos sanitários, crédito caro ou incerto, comercialização, logística, marco regulatório e mudanças rápidas nos padrões de consumo são alguns dos muitos riscos que afligem os produtores rurais. Os riscos associados à incerteza quanto aos resultados do empreendimento destacam a agricultura como uma das mais complexas atividades da sociedade. Tais pressões têm efeitos multiplicadores que se propagam por muitos setores, por causa da redução da renda e da disponibilidade de produtos para o abastecimento ou por causa da redução de empregos e da arrecadação de impostos. Falhas na gestão de riscos podem levar a prejuízos na atividade agropecuária capazes de indiretamente afetar muitas dimensões da economia, como comércio, indústria e serviços, além de agravar a situação de exclusão nas regiões mais pobres.

O Brasil dispõe de importantes políticas e programas de gestão de risco para sua agricultura, mas são vários os indicativos de que é possível aumentar a eficiência e a efetividade dessas políticas com avanços nos processos de coordenação e priorização e no tratamento de lacunas e de oportunidades de melhoria. Pela dimensão e importância estratégica de sua

agropecuária, o Brasil não pode mais prescindir de um planejamento estratégico e de uma institucionalidade estável, na forma de uma lei agrícola, com vigência mínima de cinco anos, que garanta atenção destacada à gestão de riscos e uso da inteligência territorial estratégica para orientar o desenvolvimento rural sustentável, além da incorporação de conhecimentos e tecnologias para ganhos contínuos de resiliência nos sistemas produtivos.

## Fronteira do conhecimento

O pensador francês Paul Valéry disse ainda na primeira metade do século passado que “o problema do nosso tempo é que o futuro não é mais o que costumava ser”. Frase genial, atravessou o tempo para explicar com perfeição a era de mudanças radicais em que vivemos. Novas tecnologias aparecem rapidamente e desaparecem na mesma velocidade. Rupturas ou mudanças profundas em nosso proceder, decorrentes do progresso científico e tecnológico, estão se tornando cada vez mais frequentes. As tecnologias evolucionárias, que levam a pequenos avanços, e mesmo as revolucionárias, que provocam grandes alterações, vão aos poucos cedendo espaço para as chamadas tecnologias disruptivas, que promovem mudanças radicais – substituindo o que existe –, atendendo aos desejos dos mercados e dos consumidores com vantagens significativas.

Não há dúvidas de que o mundo seguirá acelerando o ritmo das transformações, e os alvos vão ser mais difusos e móveis, e as decisões e

ações, mais difíceis. O agronegócio brasileiro precisará atentar para a nova globalização que está nascendo com a transformação digital, fenômeno que produz profundas mudanças na forma como a tecnologia é criada, gerenciada e consumida. Essa rápida mudança tecnológica exige que o Brasil redesenhe setores e negócios, da indústria pesada ao agronegócio e ao setor de serviços, para se alinhar ao novo cenário competitivo.

Segmentos estratégicos da agricultura e da bioeconomia – economia sustentável baseada em recursos biológicos e processos limpos e renováveis – são espaços privilegiados para o País na nova globalização digital. Nesses setores essenciais, conquistar a fronteira tecnológica não é só um desafio comercial, mas um imperativo estratégico. Ao incorporar, por exemplo, práticas e processos de precisão, amplo uso de sensores e mecanismos sofisticados de previsão e resposta a variações de clima, a agricultura poderá ganhar mais equilíbrio nas três vertentes da sustentabilidade – econômica, social e ambiental –, o que é uma exigência dos consumidores em todo o mundo.

É preciso compreender que os avanços profundos no mundo da ciência e da tecnologia exigem inteligência estratégica e mudanças planejadas em processos e modelos de negócios. Com a dinâmica alucinante que marcará o futuro digital, uma coisa é certa: o mundo experimentará uma nova globalização, e aqueles que resistirem, presos aos paradigmas da era pré-digital, vão perecer ou viverão pressionados por constantes “ventos e trovoadas”.